

A Cartografia e a visibilidade poética dos afetos: “Favela” de Bitita

Cartography and poetic visibility: the “Favela” by Carolina Maria De Jesus

Gabriel Henrique Camilo

Universidade Estadual de Londrina – UEL – Londrina – Paraná – Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a obra de Carolina Maria de Jesus (2014), “Favela”, publicada em seu livro *Onde estaes felicidade?*, no qual reúne este e outros textos de sua autoria, e dessa maneira, relacionar o texto com os conceitos de cartografia e memória de seus afetos. O trabalho busca uma discussão a respeito da resistência e expressão escrita da autora através de papéis coletados no lixo, questões sociais não favoráveis, como preconceito e desigualdade social, ao qual relata e denuncia em seu trabalho o aspecto público e privado, já que a obra de Carolina inicialmente tratou-se de diários publicados, popularmente denominados como relatos de uma favelada, e aspectos centrais, tais como: testemunho, escrita de si e vivência, presentes em “Favela” e, nessa pesquisa, associado ao conceito de escritas de Conceição Evaristo. O presente trabalho resulta na discussão em torno da representação da comunidade afro-brasileira na literatura e outras produções artísticas.

Palavras-chave: Cartografias. Literatura afro-brasileira. Escritas de si. Afeto.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the work by Carolina Maria de Jesus (2014), “Favela”, published in her book *Onde estaes felicidade?*, in which brings together this and other texts by her, and in this way, relate the text with the cartography concept. The work seeks a discussion about the author's written expression through papers collected in the trash, unfavorable social issues, such as prejudice and social inequality, to which she reports and denounces the public and private aspect in her work, since Carolina's work initially, it dealt with published diaries, popularly known as reports of a favelada, and central aspects, such as: testimony, self-writing and experience, present in “Favela” and in this research associated with the concept of writing by Conceição Evaristo. The present work results in the discussion around the representation of the Afro-Brazilian community in literature and other artistic productions.

Keywords: Cartographies. Afro-Brazilian Literature. Writings by yourself.

Introdução

Este trabalho tem como foco o estudo do texto “Favela” de Carolina Maria de Jesus (2014), que recebe o apelido afetivo de Bitita em sua infância e este tratamento dará nome ao subtítulo desta pesquisa, escritora que iniciou sua inserção no meio literário com o sucesso mercadológico *Quarto de Despejo*, publicado na década de sessenta, a fim de observar como a literatura permite a emersão da voz afro-brasileira em três aspectos: social, cultural e, possivelmente, educacional.

Levanta-se, nesse ponto, a hipótese de abordagem a partir de recortes que permitam aproximações do texto ao modo de produção artística e sua representação social, tais como: escrita literária de si, que explana a temática de grupos marginalizados pela sociedade e uma cartografia literária dos afetos realizada por esses grupos.

Dessa maneira, surge a proposta de análise de aspectos, tais como a vivência e a escrita, que especificamente no caso de “Favela” será conceituado pelo termo escrevivência de Conceição Evaristo, e o mencionado conceito de cartografias cotidianas, que aproxima e surge como objetivo comum de análise.

As pesquisas para este trabalho foram realizadas por meio de levantamento bibliográfico sobre literatura afro-brasileira, representação de grupos marginalizados na literatura e trabalhos teórico-críticos: Holanda (2018), Cunha (2011), Seeman (2014), Gomes (2004), Fischer (2002), Sílvia Fernandes (2013), Cauquelin (2005), Friedrich (1978), Guimarães (2014), Assis (2014), Alves (2014), e outros, juntamente com a análise textual pautada por pressupostos de literatura afro-brasileira, ao que se utiliza, por exemplo, o mencionado conceito escrevivência proposto por Conceição Evaristo.

1 Literatura marginal, cartografia e escritas de si

A princípio, nessa pesquisa, comenta-se que Heloisa Buarque de Holanda conceituou o termo marginal na década de 70, o qual aparece na obra *Impressões de viagem*, publicado pela primeira vez em 1980, e de forma sintética retoma a discussão em seu

site¹, atualizando-a ao apresentar a ideia de resistência e produção de novos sentidos políticos associados à cultura, que está inserida em países no contexto da globalização.

Nesse direcionamento, segundo a autora, surge em debate questões amplas, como a reflexão em torno da literatura com direcionamentos e alterações em aspectos estruturais e em âmbito de circulação e origem do texto, atrelando-se ou não aos estereótipos que se criaram em torno do termo marginal. Deste modo, comenta Holanda (2018) em seu site: “Nestes casos, a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”.

Nesse contexto delineado por Heloisa Buarque de Holanda (2018), quanto ao papel social da literatura e, em destaque neste trabalho a afro-brasileira, tem-se a escritora Carolina Maria de Jesus, que expressou sua escrita literária partindo de seu trabalho cotidiano de coleta de papéis no lixo, e teve seus diários publicados pela primeira vez em 1960 como *Quarto de despejo*, com o subtítulo “diário de uma favelada”, e pode-se ainda voltar o olhar para o sucesso mercadológico de sua obra; neste sentido, Miriam Alves (2014, p. 74), no ensaio “Escritora Carolina Maria de Jesus. A Fala do seu lugar de brasileira, mulher, negra.”, comenta:

Com o lançamento do primeiro livro, ela foi tratada com exotismo, o surpreendente “uma favelada semianalfabeta” que escreveu um livro. “A estranha”, da qual se esperava, talvez, uma postura entre gratidão e a “originalidade” do local de onde saiu. Originalidade cobrada pelas críticas desfechadas sem piedade contra o livro.

Dessa forma, Carolina não obteve o reconhecimento devido de escritora à época de publicação de *Quarto de despejo*, uma vez que seu alcance de mercado estava intrinsecamente associado à propaganda a partir da imagem da mulher negra e favelada que escreve. Até a atualidade encontram-se *sites* de editoras que mantêm essas características que se sobrepõem à sua imagem de escritora. Em termos gerais, como menciona Holanda (2018), é o

pobre que pode sonhar com um modelo de tênis *Nike*, mas dificilmente é democratizado em termos de expectativas gerais para ser um possível leitor de Flaubert.

Cauquelin (2005, p. 46) comenta em seu texto *Arte Contemporânea: uma Introdução* que: “O artista se isola de um sistema que lhe garantia a segurança, tornando-se uma figura marginal”, e esse parece ser exatamente o trabalho de Carolina Maria de Jesus, que, ao tomar um distanciamento como artista do mundo ao seu redor, lugar este que pode ser entendido como uma espécie de “redoma” onde os indivíduos permanecem em segurança desde que simplesmente possuam um comportamento comum aos demais que o cercam, e passa a representá-lo criticamente em seu trabalho, está igualmente retratando um objeto marginalizado pela sociedade, assim como fazendo parte dele e, nesse aspecto, deve-se considerar a recepção nem sempre positiva de trabalhos contemporâneos que abordam questões sociais.

Deste modo, a seguir destacamos o elo entre a produção literária “Favela” e o conceito de escrita de si, tendo em vista o direcionamento que Miriam Alves (2014) faz no próprio título de seu trabalho “Escritora Carolina Maria de Jesus. A Fala do seu lugar de brasileira, mulher, negra”, pois a obra de Carolina retrata a si mesma, isto é, a mulher, pobre, negra e moradora da favela – consciente de sua busca para ser escritora e reconhecida como tal. A obra de Jesus descortina preconceitos e retrata o que está fora do centro, através da escrita marginal, e contribui, positivamente, para o âmbito de marginalidades representativas em produções literárias.

As escritas de si, como comenta Angela de Castro Gomes (2004, p. 11), no livro *Escrita de si: escrita da história*, pode ser compreendida como prática cultural em que o autor moderno, como Carolina Maria de Jesus, constitui uma “identidade para si” através de sua produção e atuação cultural, no que ficou conhecida no mundo moderno ocidental pela relação estabelecida entre o indivíduo e seus documentos.

A autora, Gomes, exemplifica em seu texto o conceito de *escritas de si* com os diários e textos autobiográficos, como é o caso de Carolina, que relata o cotidiano de sua favela em textos, e referenciando a autora supracitada, notemos a relação entre conceito e a obra analisada neste trabalho, ao que se torna necessária a compreensão de que tal conceito também exemplifica-se em cartões-postais, fotografias e afins, e que resultam em uma transformação do espaço privado da casa, através destes objetos do cotidiano, em “teatro da memória”. Ao que, Gomes (2004, p. 11) comenta:

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações. [...] Ocorre até a constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções. [...] Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence.

Nesse sentido, na literatura, podemos compreender as escritas de si pelos trabalhos que realizam uma busca por guardar ou contar histórias e afetações do grupo pertencente. Gomes comenta a necessidade dos indivíduos em dotar o mundo que os rodeia de significados, relacionados com suas próprias vidas, assim como o grupo pertencente.

Carlos Manuel Ferreira da Cunha (2011, p. 11) no texto *A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global*, no capítulo “O imaginário geográfico da literatura”, aborda a relação entre literatura e espaço, ao que introdutoriamente comenta:

A articulação da literatura com o espaço é fundacional, em termos teóricos e institucionais, emergindo no âmbito de uma cartografia literária europeia elaborada pelos românticos (após a fractura da universal “república das letras” dos clássicos), em que as novas literaturas se agrupavam nas literaturas do Norte ou nas literaturas do Sul. Mais recentemente, a literatura comparada, os estudos pós-coloniais e o (re)emergente conceito de literatura mundial/global têm colocado a tônica numa perspectiva transnacional, com a consequente desestabilização das fronteiras literárias tradicionais.

Neste sentido, o autor apresenta a relação entre literatura e um conceito cartográfico, e após apontar o surgimento de uma nova abordagem ao que nomeia “geografia literária”, por parte dos estudos literários, acrescenta:

Pode mesmo falar-se de uma (re)invenção da geografia literária, resultante da deslocação dos estudos literários de um quadro temporal (a história literária) para um modelo espacial. A escala passou a ser mundial/global, mas na sua base mantém-se um certo imaginário geográfico. Este conceito de imaginário geográfico, oriundo da geografia pós-moderna ou crítica, envolve a ideia de que o discurso geográfico não reflecte apenas o mundo, ele é constitutivo desse mundo, numa forte articulação entre natureza e cultura. A geografia funciona assim como um elemento mediador, através de um conjunto de imagens mentais sobre o mundo que nos rodeia. (CUNHA, 2012, p. 12).

Em um primeiro instante, pensemos em obras literárias e uma abordagem concreta ao tratar do conceito cartográfico, tendo como base, por exemplo, textos que estão diretamente relacionados ao espaço geográfico do autor, mas não prioritariamente por uma abordagem afetiva, que ocorre em escritas de si, e sim descritiva do espaço; assim, podemos destacar em um primeiro plano o conto “Favela” de Carolina Maria de Jesus e a relação descritiva e espacial da favela de São Paulo, onde a autora viveu.

Segundo Seemann (2014, p. 86), no texto *Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura*, a literatura da cartografia e a ordem das coisas, surgiram nos últimos vinte anos duas tendências entre os estudos literários e a cartografia, que resultou num notável impacto na geografia geral e romances e mapas em particular:

Por um lado, uma virada espacial no campo das humanidades resultou em uma maior consideração da dimensão geográfica em pesquisas sobre literatura, cinema, música e arte, levando-se em conta que essas práticas socioculturais são essencialmente espaciais. Partindo de obras literárias, pesquisadores começaram a investigar como narrativas em romances e poemas refletem e criam espaços e lugares reais e fictícios. Esses trabalhos vão além das estratégias comuns de interpretar textos e visam utilizar diversos métodos cartográficos que, por sua vez, servirão como subsídio para visualizar tramas e movimentos nas obras literárias e extrair informações que a sequência e linearidade

da narrativa não são capazes de desvendar. [...] A cartografia chega a ser entendida como uma disciplina que busca revelar contextos, movimentos e práticas humanas em constante criação.

2 Onde estaes felicidade? A voz de Carolina pulsa em sua escrita dos afetos

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, com data conhecida em 14 de março de 1914. Em 2014, Carolina Maria de Jesus foi lembrada pelo seu centenário. Teve peculiaridades em sentido de recepção crítica, que por vezes recebeu seu trabalho de modo menor quanto ao âmbito literário, ou surgiu com as mencionadas “lacunas” por não seguir a norma culta, assim, também teve seus textos vendidos com o subtítulo “diário de uma favelada”, e neste aspecto geral, torna-se necessário resgatar de modo conclusivo o conceito de literariedade, e as particularidades de Carolina que se pretendem universais, tais como a descrição do ambiente em que vive e demais vivências que lhe afetam. Assim, o conceito não resulta de um conteúdo permanente, mas perceptível de variedade.

Podemos resgatar o conceito de literariedade e considerar os padrões linguísticos, para realizar uma discussão a partir do “Dicionário de Termos Literários” por José Luís Jobim, ao qual o verbete do *site* de Portugal possibilita a compreensão do elemento, dentre os principais, para esta pesquisa, que colabora para discussões do cânone com base na escrita elaborada, e ampla comunicação e representação identitária; que não desqualifica no campo literário, ao Carolina Maria de Jesus optar em trabalhar a escrita e registrar em seu diário, por exemplo. Assim, compreendemos a definição de literariedade (JOBIM, 2009):

A argumentação positiva sustentaria que existe a “literariedade”, porque podemos verificar objetivamente a existência de propriedades ou características que, quando presentes em uma obra qualquer, permitem-nos não só classificá-la como literária, como também inscrevê-la em um estilo de época. A “literariedade” seria aquela propriedade, caracteristicamente

"universal" do literário, que se manifestaria no "particular", em cada obra literária.

Contudo, é bom lembrar que, em vez de imaginar que a "literariedade" é um universal que se manifesta no particular, podemos também supor o contrário: a "literariedade" seria um particular que se pretende universal. Nesta perspectiva, "literariedade" seria um rótulo que receberiam os critérios socialmente estabelecidos para se considerar uma obra como pertencente à literatura. Assim, o pesquisador selecionaria, dentre todas as obras de natureza verbal, aquelas que possuíssem a tal "literariedade", para formar a lista das obras reconhecidas como literárias.

Por outro lado, cada época tem seu conceito de literatura, e apontamentos divergentes à existência de uma propriedade que possibilite a identificação de uma obra como literária, reafirma que o termo "literariedade" não tem um conteúdo permanente, mas variável. Em outras palavras, Roman Jakobson poderia ter-se equivocado, ao imaginar a "literariedade" como "aquilo que faz uma mensagem verbal uma obra de arte" (Ibidem, p. IX.), porque "aquilo" variaria de acordo com o momento. Poderia ser algo diferente, caso adotássemos o ponto de vista do Renascimento ou do Modernismo, por exemplo.

As recorrentes manifestações da linguagem artística coincidem com a necessidade do ser humano em expressar suas percepções e afetações cotidianas. Autores e autoras, muitas vezes, se apoderam de um espaço para demonstrar suas emoções e frustrações de vida. No conceito de quem faz uso da expressão escrita, como mencionado, diversos são os meios utilizados: papéis coletados no lixo, paredes públicas e banheiros são como uma tela de pintura, folhas para escrever, diário para gravar lembranças. É o lugar onde as pessoas transmitem emoções, sentimentos, desejos, vontades, sonhos, angústias e demais relatos.

Desse modo, espaços que ao mesmo tempo são particulares e ainda buscam o público, como é exemplo da mencionada escritora Carolina Maria de Jesus, que publicou seus diários, popularmente denominados como relatos de uma favelada, tornam-

se, muitas vezes, extensão da intimidade, ao considerarmos a particularidade de escrever um diário, mesmo que visando uma futura e, para alguém da realidade distante do ambiente editorial, pouco provável publicação. E sobre o processo de escrita literária da autora, Miriam Alves (2014, p. 74) no ensaio *Escritora Carolina Maria de Jesus. A Fala do seu lugar de brasileira, mulher, negra.*, comenta:

Carolina perambulava pela cidade e observava: luzes, casas, flores, pessoas e avenidas, atrativos urbanos que contrastavam com sua realidade vivencial. À noite, em seu barraco, onde se apinhavam além da miséria, papéis e livros nos quais, entre o ronco da fome, os pedidos dos filhos e os burburinhos da vizinhança, tão esquecida e desprezada como ela, extraía a matéria-prima para a sua escrita, para o seu sonho de se tornar escritora, mais precisamente poetisa e abandonar aquela vida de precariedade.

Geralmente, pessoas demonstram opiniões, marcam uma história de vida, protestos sobre desigualdade social e sexualidade, entre outros, como os relatos de Carolina Maria de Jesus, como negra, pobre e favelada, e as várias faces do preconceito racial e social, relatados nessa escrita de si. As diversas escritas mencionadas podem ser nomeadas como gráficos, “pois contêm em si um enredo elaborado, simbologias, fontes de investigações que possibilitam análises sociais”. (ABUD; NWOYE, 1993, p 33).

É recorrente a marginalização de literaturas não tidas como canônicas, estereotipadas pela sociedade de modo geral e que tornam ocultas sua função de reflexão social e, principalmente, literária. Neste sentido, temos o texto de Carolina Maria de Jesus, “Favela”, sendo que os escritos do testemunho de Carolina, que não seguem a gramática culta, funciona como escritas de si, e relato cartográfico do cotidiano, representando seu respectivo grupo social, ao qual aplica-se a teoria de cartografia cotidiana (COELHO; VILLA, 2011).

No entanto, se o sistema que serve de fins para a comunicação pode ser compreendido como linguagem e a linguagem por vezes é definida como arte, pensemos se toda linguagem é uma arte.

Segundo Lotman, por exemplo no reino animal, os membros de cada grupo transmitem sons e realizam a comunicação necessária entre si, mas isto não configura linguagem; o que no teatro mudo, por exemplo, é ao contrário, pois independe de som para realizar a linguagem.

A estrutura de um texto artístico é baseada na extração da arte com tudo o que lhe é linguagem particular e tudo o que a caracteriza entre sistemas de signos, assim como Lotman (1978, p. 27) cita: “Por linguagem entendemos todo o sistema de comunicação que utiliza signos de modo particular”. Ou seja, para ser considerado uma linguagem artística precisa-se de sistemas que sirvam de meio de comunicação, que possuam signos e que sejam ordenados.

Cada texto tem estrutura individual e depende diretamente do autor, ao que torna-se inseparável, assim como a escrita afro-brasileira de Carolina Maria de Jesus se retroalimenta de sua vivência. E a narrativa de Jesus (2014), “Favela”, algumas vezes tida como repleta de lacunas que devem ser preenchidas, devido a não seguir a norma-padrão, por si só está completa, como nota-se a seguir: “Se eu ficasse na cama o que ia comer? A única coisa que a gente me pode transferir é a fome” (JESUS, 2014 p. 44).

Dessa forma, ocorre no texto “*Onde estaes felicidade?*” (JESUS, 2014 p. 14), que apresenta os personagens José dos Anjos e Maria da Felicidade, e a autora desenvolve a apresentação dos personagens, assim como relacionamento amoroso e demais situações do enredo, a partir de sua escrita própria e produção literária, eu não segue a norma culta.

Não existe neste mundo, quem não acalenta um sonho intimamente. Quem não aspire possuir algo que lhe proporcione uma existência isenta de sacrifícios. E o José dos Anjos, era mesmo angelical nos modos de falar e tratar o próximo. Era piedoso. antes de tomar uma resolução refletia profundamente. Um dia, ele viu a Maria da Felicidade e ficou cativo dos seus encantos. Ela era esbelta uns olhos negros e ovaes. Os cílios longos e arqueados. A bôca pequena e os dentes niveos e retos. Foi na festa de Santo Antonio que eles dançaram ao redor da fogueira. Ela era a mais graciosa aos olhós de Jose dós Anjos.

É necessário compreender que muito além do português encontrado em dicionários e gramáticas, existe a língua reproduzida, desejada e criada pelos indivíduos no dia-a-dia, e este português é representado por alguns grupos marginalizados. Essa fala é atingida pelo impacto que o sujeito deseja proporcionar ao ouvinte e a história por trás de cada gíria reproduzida, o que não descarta do nosso idioma essas palavras, afinal, estão introduzidas no diálogo de um brasileiro; e não apenas deste, mas, sim, muitos outros.

Percebe-se que a escrita é, em muitos casos, própria do grupo ao qual o indivíduo pertence, não devendo limitar sua divulgação exclusivamente a este grupo, simplesmente por não seguir uma norma-padrão: tampouco, corrigi-la, gerando um recorrente privilégio de divulgação e visibilidade aos que ultrapassam as barreiras da marginalização. Regina Dalcastagnè (2012, p. 17) comenta, no livro *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*, especificamente no capítulo “O lugar de fala”: “O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes”.

Geny Ferreira Guimarães (2014), em “Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder”, sugere a relação literária de Carolina e a escrita de si mesma, escrita negra e feminina, e compara com a escritora Dionne Brand (1997), que é analisada pela geógrafa Katherine McKittrick (2006), na qual, segundo Guimarães, a geógrafa comenta que Brand “desenvolve textos literários nos quais a sua escrita desenha mapas que ultrapassam as normas, regras, fronteiras e linhas cartográficas para formar diferentes geografias expressas por cada parte do seu corpo negro feminino” (GUIMARÃES, 2014, p. 47). E assim, de fato, podemos compreender Carolina, em sua relação de identidade com o espaço que vivia, a própria nacionalidade, e a oprimida existência de uma mulher negra, como notamos em “Favela”:

Era o fim de 1948, surgiu o dono do terreno da Rua Antonio de Barros onde estava localizada a favela. Os donos exigiram e apelaram queriam o terreno vago no prazo de 60 dias. Os favelados agitavam-se. Não tinham dinheiro. Os que podiam sair ou comprar terreno saiam” (JESUS, 2014, p. 24).

Deste modo, Carolina Maria de Jesus inicia “Favela”, publicado em seu livro com o título *Onde estaes felicidade?*, no qual reúne este, e alguns outros de seus textos, e em seguida, completa: “[...] São Paulo modernisava-se. Estava destruindo as casas antigas para construir aranha céus. Não havia mais porões para o pioletario” (JESUS, 2014, p. 24). E em sua escrita Carolina Maria de Jesus faz uma espécie de relato cartográfico da favela, no qual apresenta ao longo de “Favela” as condições nas quais vivem os pobres, descreve seus vizinhos, cotidiano e a relação com o próprio corpo, como evidencia ao relatar que estava grávida: “Ninguém aborrecia-me. Dia 27 de janeiro de 49 percebi que estava prestes a ser mãe. Pedi a D. Adelia minha visinha que entendia de parto para me fazer companhia. Disse: Não posso!” (JESUS, 2014, p. 26), assim como, sua opinião sobre os moradores da favela: “E eu gostava muito dela. Tudo de bom que eu tinha casa eu dava, como pêixe tudo que eu comprava dividia com ela. Diante de sua recusa o meu afeto por ela, arrefeceu” (JESUS, 2014, p. 26).

Guimarães (2014), também aponta a relevância de Carolina Maria de Jesus para a Literatura Brasileira, mesmo não tendo sido reconhecida como escritora canônica: “a escritora que teve, nas vendas de um único livro, mais de um milhão de cópias vendidas, traduzido para 13 idiomas e distribuído em cerca de quarenta países (IPHAN, s.d.)” (GUIMARÃES, 2014, p. 47), assim como Guimarães aponta a vasta expansão dos trabalhos de Carolina, ainda não conhecido em todo seu conteúdo: “[...] que ainda possui em seu acervo manuscritos desconhecidos pelo grande público, constando contos, poemas, provérbios, romances e textos teatrais” (GUIMARÃES, 2014, p. 47). A primeira obra publicada de Carolina, que teve reconhecimento mercadológico, foi o livro *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*,

em 1960, que resultou de seu diário escrito a partir dos papéis que coletava do lixo, e era temido pelos vizinhos, devido às referências que fazia a eles, em sua cartografia literária do espaço que vivia; incluindo, evidentemente, a própria vivência, e também dos demais moradores, como acontece na obra “Favela”, na qual comenta sobre o espaço que vive, a favela de São Paulo, e a relação com os vizinhos: “Aqui na favela a gente não tem vizinho. Se acontecer qualquer coisa eles estão pronto para comentar e aumentar e não favorecem” (JESUS, 2014, p. 44). E, neste sentido, Regina Dalcastagnè (2012, p. 16) afirma:

[...] Carolina Maria de Jesus não entra em estudos literários sobre a representação do espaço urbano contemporâneo, por exemplo, embora tenha nos descrito com detalhes e poesia algumas das ruas de São Paulo. Da mesma forma que ela não figura nos estudos feministas sobre a maternidade, apesar dessa questão impregnar toda a sua obra. O problema é que mesmo quem estuda autores que estão à margem do campo literário brasileiro, muitas vezes insiste em fazê-lo de modo isolado, discutindo-os no âmbito das margens – com isso, não estabelecemos a fricção necessária entre representações literárias provenientes de diferentes espaços sociais. E, assim, deixamos de observar a tensão entre essas construções, abandonando, ao mesmo tempo, a possibilidade de tornar mais completo o quadro sobre a literatura brasileira contemporânea.

A obra “Favela”, de Carolina, foi publicada em seu livro *Onde estaes felicidade?*, no qual reúne este e outros textos de sua autoria. “Favela” apresenta a sensibilidade narrativa de quem conheceu a fome, miséria e dificuldades de um grupo que sofre privações sociais e responde da maneira que é capaz. A história da habilidosa escritora é composta de modo que se desenha aos nossos olhos de leitores a vivência de seres humanos, e nos revela, de modo artístico, a perspectiva de uma mulher negra, pobre e com pouco estudo, que ambiciona ganhar a vida através da escrita. Deste modo, a narrativa inicia em 1948, quando Carolina descobre que precisaria deixar o terreno da favela, no prazo de 60 dias, pois os donos exigiram. Assim, a narração acompanha a vida de Carolina, passa pela maternidade e as complicações

sociais na qual estava inserida, e encerra, após a filha caçula completar onze anos de idade. Desenrolam-se os conflitos com o pai da criança, que recusava auxiliá-la nos custos de vida com a menina, como a autora evidencia:

Fui lá no juizado [...] Pássamos a discutir por correspondencia. Eu lhe escrevia: voçê, é pão duro! Unha de fome! o dinheiro não dá, maldita hora em que te conheci. Antes tivesse conhecido o diabo Mas, quando encontrávamos nós falava-mos amigavelmente” (JESUS, 2014, p. 44).

Neste sentido, “Favela” termina com Carolina, após o terceiro filho, ainda sozinha na luta pela própria sobrevivência e responsável por mais três vidas. Muito se discute em aspectos temáticos na obra de Carolina Maria de Jesus sobre políticas de ação afirmativa, assim como ao longo deste tópico pretende-se abordar questões da representatividade dos afetos na obra de Carolina, e a respeito do mencionado assunto, Maria Nilza da Silva e Pires Laranjeira (2007, p. 133), no livro *O negro na universidade: o direito à inclusão*, especificamente no tópico “Do problema da ‘raça’ às políticas de ação afirmativa”, comentam:

As políticas de ação afirmativa são uma resposta à constatação oficial daquilo que o Movimento Negro vinha divulgando há anos: as desigualdades raciais e o persistente racismo que determinam o destino da grande parte da população brasileira, a negra. Alguns estudiosos analisam os mecanismos de manutenção da desvantagem e da naturalização da situação de inferioridade da população negra, como racismo institucional.

Silva e Laranjeira (2007, p. 134) ainda lembram que “os indicadores sociais e econômicos mostram a posição de inferioridade da população negra, e poucos contestam esses indicadores. Mas, ainda existem aqueles que contestam a existência do racismo [...]”, como é o caso de Carolina que teve certa visibilidade mercadológica com a publicação do primeiro livro e, logo, caiu no esquecimento e pobreza, após a aparente novidade do “diário de uma favelada”, assim, neste contexto, pode-se mencionar Wieviorka, que comenta sobre o racismo institucional:

Aparece como um conjunto de mecanismos não percebido socialmente e que permite manter os negros em situação de inferioridade, sem que seja necessário uma ideologia racista para fundamentar a exclusão ou a discriminação. O sistema, nesta perspectiva, funciona sem atores, por si próprio, ele não tem necessidade de teorização para fundamentar ou justificar o racismo (WIEVIORKA, apud, SILVA; LARANJEIRA, 2006, p. 168).

A relação do corpo afetado de Carolina com sua escrita está presente em outras de suas produções literárias, assim como traz a marca do preconceito: “[...] quantas coisas eu quiz fazer. Fui tolhida pelo preconceito. Se eu extinguir quero renascer. Num país que predomina o preto” (JESUS, 1996, p. 33), e em “Favela”, também notamos a marca da vivência feminina de Carolina (2014, p. 26): “_ Negra nova podia e pode trabalhar mas prefere embriagar-se. Mal sabiam êles que eu não me sentia bem alimentação deficiente, aborrecimentos moraes, e físicós. Quando eu me sentia em condições de aguentar-me de pé levantava e prosseguia”, assim como, conscientemente aborda em sua obra os estereótipos sociais da mulher negra, como menciona em diversos relatos de sua narrativa: “[...] Ela é sosinha. Deve ser alguma vagabunda. É crenca generalisada que as pretas do Brasil são vagabundas” (JESUS, 2014, p. 26).

Guimarães (2014, p. 49), comenta sobre Carolina: “É esta mulher negra, mãe, cidadã, escritora que inspirou o Projeto Carolinas ao Vento, Centenária e Atemporal desenvolvido pelo Coletivo Carolinas de Mulheres Negras, na cidade de Salvador, Bahia”.

A escritora Conceição Evaristo conceituou o termo *escrevivências*, que se encaixa em “Favela”, e demais obras de Carolina, ao abordar a escrita de vivências da mulher negra, suas experiências e a relação com contexto social e até político, como podemos notar: “Cómo eu era getulista pedi ao senhor Jorge Corrêia, se açêitava minhas colaborações. E passei a escrever no “O defensor”. (Eis o artigo) 17 de junho de 1950. (...)” (JESUS, 2014, p. 31), “Escrevi outro artigo no “O defensor” 23 de junho 1950” (JESUS, 2014, p. 33).

Mariana Santos de Assis (2014), no texto *Antes de ser mulher, é inteira poeta: Carolina e o cânone literário*, comenta a relação de Carolina com o ativismo político negro, que apesar de não ser intenção de Carolina em sua obra, Assis afirma sobre a escritora:

Acabou se tornando um símbolo da luta das mulheres negras [...]. Além disso, sua obra pode ser vista hoje como um ponto de encontro entre a literatura negra – já bastante rica nos anos 60 – e a literatura marginal/periférica que viria a surgir no final dos anos 90” (ASSIS, 2014, p. 52).

Esta discussão é evidenciada em “Favela”, ao leitor que se depara com os relatos de Carolina grávida, com as condições do parto e, principalmente, com as condições de vida da mulher pobre, após o nascimento da criança: “Eu quase não podia andar de fraquês. Foi a fome que impeliu-me a levantar. [...] Seis dias depois fui catar papel. Cançei. Sentei. Tive desejos de chorar. Pensei: As lágrimas não solucionam as dificuldades” (JESUS, 2014, p. 43), e a narrativa também revela a relação da figura paterna com os cuidados da criança, chamada de Vera Eunice: “Não tenho gêito para mendigar. Quando a menina tinha 11 dias eu fui ao juiz pedir para obrigar o pai dela a dar pensão” (JESUS, 2014, p. 43), assim como é perceptível em “Favela” a consciência da escrita com as condições das mulheres negras, pobres e mães: “Nem sempre os bons ventos me favorecia. Resolvi ir no patrimônio pedir um lugar aqui na favela eu ia ser mãe. E conhecia a vida infausta das mulheres com filhos e sem lar. Vi muitas crianças morrer ao relento nos braços das mães” (JESUS, 2014, p. 25).

Desse modo, Assis (2014, p. 52) comenta, ainda, sobre a escrita de Carolina: “Ela traduziu o debate racial que vinha sendo desenvolvido entre intelectuais, artistas e ativistas negros em todo o país para a linguagem dura de quem vive a realidade que aqueles grupos tentavam mudar”, como podemos notar em “Favela”, quando são evidenciados os estereótipos do indivíduo pobre e negro, mesmo que refletido dentro da própria comunidade, no qual Carolina rebate, na narrativa, as acusações de sair no jornal acusada por roubo, e apresenta sua profissão

como justificativa de destaque na matéria: “27 de maio de 1950 eu sai na Epoca. Quando os faveladós viram o meu retrato no jornal ficaram habismadós. Dizia: _A D. Carolina esta no jornal. O que ela fez? Roubou? _Não! É poetisa. Esta dizendo que um dia, há de ser escritora!” (ASSIS, 2014, p. 30).

Carolina evidencia na obra questões sociais como a violência doméstica: “Sempre a gente despertava com um grito de socorro. Era mulheres apanhando dos esposos (JESUS, 2014, p. 27)”. E, após os apontamentos de Assis, sobre a influência de Carolina em outras escritoras, pode-se notar os resultados práticos com Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro (2014, p.78), escritora de Salvador, que escreve no ensaio *Carta para Carolina Maria de Jesus*, ao relatar sua relação com a escrita e Carolina:

Narrar: esta foi a sua missão, cumprida com toda a dignidade e teimosia que lhe eram tão peculiares. Obrigada, irmã, pelo espelho que se tornou para todas nós, que procuramos seguir pela mata apontada por você, precursora em tais caminhos. Narrar para: (sobre) viver; para que os dias passem; para procurar entender; para se (re) fazer; para aceitar – como se possível fosse; para se fortalecer e tentar seguir adiante. Esperando o fim? Não. Construindo um futuro.

Flavia Rios (2014) inicia o texto *Carolina de Jesus na Cena Cultural Contemporânea* lembrando o documentário *Favela – Das Leben in Armut* (1971), dirigido por Christa Gottman- Elter, que até 2014 era inédito no Brasil. O documentário, apresentado no evento “Carolina é 100”, realizado pelo Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário de Carolina de Jesus, foi restaurado e legendado, no qual é impacto dos escritos de Carolina, seja no Brasil ou não, assim como, resultou em 2003 o filme de Jeferson De, intitulado *Carolina*, e considerado o melhor curta-metragem do ano no Festival de Gramado. A autora Rios (2014, p. 58) explica sobre o filme de 2003, *Carolina*, e comenta sobre dois notáveis méritos do cineasta:

O primeiro deles é o de colocar a memória em movimento, por meio do resgate das imagens de época, tanto de nossa personagem, quanto do Canindé, favela

que deu origem ao seu primeiro diário, publicado em 1960. O segundo mérito, de apreensão não tão imediata, é o de flagrar a contemporaneidade e a poética da escritora, expressas tanto na magnífica interpretação de Zezé Motta quanto na técnica dos jogos de luz e escuridão, atravessados pela grafia gritante de Carolina inscrita na película.

Flavia Rios (2014, p. 58) comenta, ainda, a relação do rap de Negro Drama, de Edy Rock e Mano Brown, presentes no disco Nada como um dia após o outro, de 2002, e a utilização do Hip Hop no filme de Jeferson De, que vai ao encontro da literatura de Carolina Maria de Jesus, como analisa a seguir:

Da estrofe do rap ao audiovisual: 'Daria um filme, uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço'. Literatura, música e cinema; a criação artística e a denúncia social reencontravam-se entre o passado e o futuro em múltiplas linguagens.

O texto de Sergio da Silva Barcellos (2014, 66), Arquivando Carolina..., comenta a relação de Carolina com a fama, e o silenciamento que a escritora vivenciou: "A chave, então, para a manutenção da fama seria a submissão às engrenagens da fama. Paradoxalmente, ao dar voz a uma realidade miserável, Carolina fez-se notada".

Fernanda Matos (2014, p. 69) em *Um diálogo com Carolina Maria de Jesus*, expõe que os textos de Carolina - *Casa de Alvenaria*, *Diário de Bitita* e, evidentemente, a sua obra de maior destaque editorial *Quarto de Despejo* - têm diversidade em gêneros textuais que não correspondem especificamente a um diário, testemunho ou autobiografia, mas ultrapassam tais conceitos, "principalmente no que se refere à identidade do autor-personagem, à denúncia e linguagem visceral dos escritos e à busca de legitimação autoral", e assim, é o caso de "Favela", que evidencia as questões mencionadas por Matos, quanto à identidade: "As mulheres falavam na ausência. E eu, sou diferente falo diretamente.", denúncia em relação ao descaso com os pobres: "Meus filhos ficaram sujos, e tôda hora vinham na minha cama pedir pão", e dos homens com seus filhos; "O pae de minha filha apareceu, mas não me

deu um tustão. Disse que estava rssidindo no Rio de Janeiro, para eu não procura-lo. E eu pensava. Se eu tivesse tido essa criança no Butantan, quem sabe se as cobras auxiliava-me. Entre os animais talvez, êxiste solidariedade". E legitimação autoral, preferindo sempre ser tratada pelo título da profissão: "Eu sou poetisa. Peço respeitar-me mais um pouco" (JESUS, 2014, p. 26).

Esta vivência pelos afetos de Carolina descrita no conto "Favela" e também em suas demais produções literárias, como é o caso da publicação do diário e sucesso mercadológico *Quarto de despejo*, surge em paralelo aos preconceitos sociais e aborda o que está fora do centro, através de uma escrita marginalizada e que esteve e, por vezes, ainda permanece nas margens, ao que contribui e impacta, positivamente, para a esfera representativa em produções literárias e socioculturais. É através de uma escrita de si, seja em diários, ou representando o "eu" trans em um retrato de experiência social, como comenta Silvero Pereira (2016) ao produzir *BR-Trans* a partir de relatos pessoais do grupo trans, mesmo que o próprio autor e ator ainda se identifique com o sexo biológico, busca-se realizar no trabalho uma pesquisa prática e teórica, em sentido cartográfico. Tais retratos, na obra aqui analisada, surge de modo cartográfico, ao que foi anteriormente conceituado neste trabalho, e torna-se perceptível no relato de Carolina e seu universo produzido em "Favela", com os vizinhos tidos como favelados, o nascimento dos três filhos da mulher pobre, negra e escritora brasileira, e a desocupação do lugar nas margens, pela expansão da cidade, o que foi recorrente também em outros ambientes com processo de urbanização.

3 Considerações finais

Após esse estudo, direcionado pela pesquisa e discussão a respeito da obra "Favela", cabe expor algumas considerações finais quanto ao mencionado tema aqui explanado. No campo da literatura afro-brasileira, o espaço de pesquisa para expressões contemporâneas que abordam temas marginalizados pela sociedade é, atualmente, notório, apesar de ainda distante ao ter como

parâmetros o amplo campo literário; por exemplo, de questões como a traição feminina, que desde tempos remotos é discutida e abordada.

Assim como as obras aqui trabalhadas, é recorrente em outras produções artísticas esse sistema de recorte cartográfico do cotidiano. A análise dos elementos aqui mencionados aborda o tema da população negra, com seus respectivos estereótipos perante a sociedade, assim como, a poesia presente em sua respectiva representação. No entanto, o trabalho londrinense *Cartografias Cotidianas*, de Coelho e Villa (2011), aborda intencionalmente o conceito cartográfico, ao tratar de desenho. Carolina Maria de Jesus, poeta e escritora, faz um relato cartográfico da favela onde viveu e seus respectivos moradores, sendo a obra “Favela” (2014), um grande acréscimo a literatura afro-brasileira.

Esta pesquisa pretende contribuir para a formação de futuros pesquisadores de literatura afro-brasileira, e pesquisadores em demais trabalhos possíveis de conceituar como cartográficos, escritas de si, ou escritivências; auxiliando a compreensão dos elementos textuais no livro de Carolina Maria de Jesus, “Favela”, e como as linguagens configuram o que podemos chamar de trabalhos contemporâneos. Assim como, investigar o conceito de Cartografia artística e social, aqui aplicado na obra, e as pertinentes discussões a respeito do assunto, e analisar a representação da população negra na literatura, com base na obra de Carolina Maria de Jesus.

De acordo com os objetivos estabelecidos, o trabalho prevê que a imersão de vozes marginalizadas possibilite uma maior abertura deste espaço, de modo a traçarmos pontos de convergência e divergência entre as futuras produções culturais, visto que falar de si, especialmente através do texto literário, ainda é uma notória forma de afeto na contemporaneidade, como demonstrou Carolina e assim o fazem aqueles que seguem pesquisando a seu respeito, bem como de outros autores que reivindicaram a linguagem artística como parte de suas vivências e se posicionam socioculturalmente.

Referências

- ALVES, M. Escritora Carolina Maria de Jesus. A Fala do seu lugar de brasileira, mulher, negra. In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 73-75.
- ASSIS, M. S. Antes de ser mulher, é inteira poeta: Carolina e o cânone literário. In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 52-57.
- BARCELLOS, S. S. Arquivando Carolina... In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 63-67.
- CAUQUELIN, A. Arte Contemporânea: Uma Introdução. Trad. Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COELHO, E; VILLA, D. Cartografias cotidianas. Londrina: UEL, 2011.
- CORDEIRO, H. F. C. Carta para Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 76-85.
- CUNHA, C. M. F. A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global. Ponte, Guimarães: Opera Omnia, 2011.
- DALCASTAGNÈ, R. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. In: Iberic@l. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, 2012, no. 2. P. 13-18.
- FERNANDES, S. Teatralidades contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FISCHER, E. A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- FRIEDRICH, H. Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- (org.) GOMES, A. C. Escrita de si: escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GUIMARÃES, G. F. Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder. In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 46-51.
- HOLLANDA, H. B. Literatura marginal. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal>>. Acesso em 14 mar. 2022.
- IPHAN. Carolina Maria de Jesus. In: Patrimônio: Revista Eletrônica do IPHAN.
- JESUS, C. M. Antologia pessoal. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- JESUS, C. M. Favela. In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 24 – 44.
- JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.
- JESUS, C. M. Quarto de Despejo: o diário de uma favelada. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006.
- JESUS, C. M. Meu estranho diário. São Paulo: Xamã, 1996.
- JOBIM, J. L. Literariedade. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literariedade/>>. Acesso em 14 mar. 2022.
- LOTMAN, I. A estrutura do texto artístico. Lisboa: Editora Estampa, 1978.
- MATOS, F. Um diálogo com Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 68-72.
- PEREIRA, S. BR-Trans. Porto Alegre: Cobogó, 2016.
- PEREIRA, S. BR-Trans: antropológico, autofágico e esquizofrênico. In: PEREIRA, S. BR-Trans. Porto Alegre: Cobogó, 2016. P. 11-14.
- RIOS, F. Carolina de Jesus na Cena Cultural Contemporânea. In: JESUS, C. M. Onde estaes felicidade. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. P. 58-62.
- SEEMANN, J. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. Curitiba: Ra'e Ga, 2014.
- SILVA, M. N.; LARANJEIRA, P. Do problema da "raça" às políticas de ação afirmativa. In: (org.) PACHECO, O negro na universidade: o direito à inclusão. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.